

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E EMPODERAMENTO FEMININO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Márcia de Oliveira Sales¹

E-mail: marcinhaosales@gmail.com

Secretaria de Educação da Bahia-SEC/BA

Laureci Ferreira da Silva²

E-mail: cursos@consultoriaformacaocontinuada.com

Secretária de Educação da Bahia-SEC/BA

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir sobre o processo de construção da identidade e do empoderamento feminino das mulheres participantes da pedagogia de resistência no grupo Maracatu Ventos de Ouro de Salvador/BA. Para realizar esta discussão optamos pelos estudos teóricos sobre: cultura popular, identidade, empoderamento feminino, manifestações de matriz africana, crenças, ancestralidade e pedagogia de resistência. A abordagem metodológica adotada é a qualitativa para realizar este estudo e o procedimento metodológico é o autoetnográfico porque a pesquisadora não precisa suprimir sua subjetividade. Para a geração de dados utilizaremos os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada, diálogos, relatos de experiências e narrativas autobiográficas. E para analisar esses dados usaremos a análise de conteúdo. Os resultados apresentados neste texto são parciais a partir de dois relatos: um de uma das autoras deste texto e de uma das fundadoras do grupo.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Empoderamento feminino, Crenças,

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the process of identity construction and female empowerment of women participating in the pedagogy of resistance in the Maracatu Ventos de Ouro group in Salvador/BA. To carry out this discussion, we opted for theoretical studies on: popular culture, identity, female empowerment, manifestations of African origin, beliefs, ancestry and pedagogy of resistance. The methodological approach adopted is qualitative to carry out this study and the methodological procedure is autoethnographic because the researcher does not need to suppress her subjectivity. For data generation we will use the following instruments: semi-structured interview, dialogues, experience reports and autobiographical narratives. And to analyze this data we will use content analysis. The results presented in this text are partial from two reports: one from one of the authors of this text and one of the founders of the group.

Keywords: Culture, Identity, Female empowerment, Beliefs, Cultural Studies

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Estado da Bahia, Coordenadora pedagógica – SEC/BA. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela UNC. Mestre em Letras, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Aluna especial no PpgeduC da UNEB (2022). Pesquisadora dos grupos de Estudos GELIS, FIARE e Coletivo de estudos Angela Davis, LEMARX, da Universidade Federal da Bahia.

² Pós-doutorado em Língua e Cultura, Doutora em Educação, Mestra em Língua e Cultura, Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia -UFBA, Psicopedagoga Escolar -UNC e Profª de Língua Portuguesa do ensino básico da rede Estadual de Ensino e pesquisadora do grupo Núcleo de Estudos de Linguagens e Tecnologias (NELT).

1 INTRODUÇÃO

Para além da arte, movimentos como no caso do grupo de Maracatu Ventos de Ouro de Salvador-BA, no qual a investigação se realiza, é notável que há uma história associada à pedagogia de resistência, à ancestralidade, à cultura popular, às crenças, às manifestações de matriz africana, ao processo de construção da identidade e ao empoderamento feminino que interfere na vida das mulheres participantes deste grupo maracatu, desde o seu surgimento em 2015 até os dias atuais.

Esse grupo feminino de maracatu, Ventos de Ouro, é coordenado por uma mestra há sete anos na cidade de Salvador/BA. O grupo é filho da Nação do Maracatu Porto Rico, nação centenária fundada em 1916, na cidade de Palmares, Pernambuco.

É importante ressaltar que esse grupo desde que foi criado participa de eventos públicos ligados ao combate do feminicídio e à violência doméstica contra as mulheres; empoderamento negro; diversidade religiosa e pertencimento à cultura de matriz africana, a afirmação dos direitos LGBTQIAPN+, e demais movimentos populares. Esse é um dos motivos do interesse de uma das autoras desse texto em realizar esta pesquisa.

O grupo surgiu a partir da amizade de duas mulheres numa aula de percussão ministrada pela prof^a. VM³. Desse encontro surgiu a ideia de compor um grupo de maracatu somente com mulheres. Em 2015 elas formaram um grupo com apenas 12 mulheres. Hoje o coletivo é formado por cerca de 50 participantes.

O fato desse grupo de maracatu ser apenas composto por mulheres é um dos motivos que provocou o interesse de uma das autoras deste texto em fazer parte, porque percebeu que havia uma lacuna em sua vida que ela desejava preencher devido ao fato de que o seu universo ser composto por figuras masculinas: filhos, marido, irmãos e até suas leituras a maioria, era de autores homens. Fazia ela sentir necessidade de se aproximar de outras mulheres a fim de trocar experiências, dialogar, ouvir histórias delas e compartilhar a própria história também, e assim, sentir-se pertencente a um grupo. A convivência com estas mulheres suscitou o interesse dela em estudar o grupo e suas ações.

E a partir da decisão e autorização para estudar o grupo, foi realizada uma entrevista com uma das fundadoras desse coletivo, CG, e segundo ela, “objetivo maior do grupo é oportunizar as mulheres a serem protagonistas, dentro de um lugar no qual um dos princípios é a da não-violência contra as mulheres a fim de fortalecer a irmandade e contribuir para o processo de construção da identidade das mulheres participantes do grupo e do empoderamento feminino, transmutando as questões pessoais de cada uma e fazendo com que todas se sintam parte do todo que é esse coletivo.”

Outro aspecto que Cláudia Gonçalves destacou é que esse grupo tem uma ligação estreita com o candomblé, pois o maracatu nasceu nos terreiros, sendo assim, ele é reconhecido como filho do candomblé e é fundamentado nele. Esse fato aumentou o meu interesse em ser participante e de estudar como suas ações estavam transformando as mulheres daquele grupo, inclusive eu.

Além disso, ela explicou que os instrumentos usados pelo grupo (alfaias, caixas, agbês e sinos) são consagrados pelo Pai de Santo, Duda de Candola, do terreiro ao qual

³ As aulas de percussão são realizadas em espaços públicos em Salvador/BA dentre outras praças, na praça Nossa Senhora da Luz, praça Dois de julho.

o Maracatu Ventos de Ouro é ligado, Axé Icimimó, da cidade de Cachoeira, região metropolitana de Salvador.

É importante esclarecer que apesar desse vínculo com essa religião de matriz africana, nada é imposto sobre religiosidade a nenhuma participante, no entanto, há o respeito dos membros com relação a esta manifestação cultural. Mais um fato que se destacou no que diz respeito ao grupo é a cultura da oralidade, visto que é marcante porque a divulgação é realizada de boca em boca e através das oficinas de confecção e aprendizagem dos instrumentos e da dança.

Essa dinâmica de passar os conhecimentos de geração para geração oralmente está presente e em uma das características da pedagogia de resistência do grupo, visto que os ensinamentos são dados das mulheres mais velhas para as mais novas desde a construção dos instrumentos até as letras das músicas e danças.

Durante a realização dessas atividades ocorre o encontro de irmandade, que vai além do convívio naquele único momento. É um território de afetos, compartilhamentos de narrativas (en) cantadas nas loas⁴ e nos relatos, acolhimento e diálogos.

Tendo em conta tudo o que já foi exposto, é necessário relembrar que os movimentos culturais são manifestações artísticas que existem nos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte. Cultura não é algo que se possa ver, medir, delimitar - a cultura percebe-se por suas manifestações e os que nela convivem ou que simplesmente estão nestes locais são tocados ou 'transversalizados' por ela, explicitando em práticas não só de respeito aos elementos culturais, mas por ações concretas e efetivas no sentido da participação, do estar junto. É dar vida, vez e voz à cultura. (SALES, 2018)

A vista do que foi apresentado surgiu a seguinte questão de pesquisa (problema): De que maneira participar do grupo de maracatu Ventos de Ouro pode interferir no processo de construção da identidade e empoderamento feminino das participantes?

Durante a revisão da literatura e a escrita deste artigo, surgiram outros questionamentos, tais como: O que faz mulheres de diferentes interesses, profissões, histórias e identidades de gênero se reunirem para aprender a compartilhar suas histórias, fazer e tocar instrumentos, cantar, dançar e louvar os/as orixás⁵? Como a participação de mulheres em um grupo cultural artístico favorece o empoderamento global destas e a construção da identidade?

A fim de contribuir na busca de possíveis respostas para a questão principal desta pesquisa surgiu o seguinte objetivo geral: analisar como as ações realizadas pelo grupo Maracatu Ventos de Ouro, um grupo cultural artístico feminino de Salvador-BA, podem contribuir no processo de construção da identidade e empoderamento feminino das participantes.

Além dos motivos já apresentados neste item, este estudo é justificável pela necessidade de realizar uma discussão sobre a importância da formação de um grupo de mulheres para fazer parte de uma área da qual, na maioria das vezes, são excluídas, como no caso do Maracatu que a predominância sempre foi de homens.

Outra razão para considerar este estudo relevante é devido a liberdade de compartilhar as histórias umas com as outras, as alegrias, tristezas, frustrações, discriminações ou preconceito e os afetos. A cada encontro, nós, mulheres, aprendemos umas com as outras, discutimos e refletimos sobre as narrativas, relatos, depoimentos e experiências ali compartilhadas. Sendo eu uma das participantes do grupo Maracatu Ventos de Ouro é notável as aprendizagens, as transformações individuais e coletivas

⁴ Cantos de louvor

⁵ Orixás são uma força pura, axé material que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Disponível: <https://memorial.org.br/o-significado-dos>.

que ocorrem, tais como: a extroversão, o conforto com as demais participantes do grupo, dos cuidados umas com as outras e com os instrumentos, as vestimentas, o respeito ao modo de vida de cada uma.

Além das razões apresentadas, durante a revisão da literatura percebemos que existem estudos em Pernambuco, Ceará, Maranhão e São Paulo sobre outros Maracatus compostos por apenas homens e outros por homens e mulheres, mas até o momento ainda não encontrei registros de maracatus formados apenas por mulheres, por isso acreditamos que este estudo pode contribuir para ampliar as discussões sobre grupos formados só por mulheres e para os diversos segmentos da sociedade como: educação básica e o contexto acadêmico e fomentar as políticas públicas voltadas para as minorias sociais, em especial as mulheres.

É importante destacar que apresentaremos a seguir a fundamentação teórica que escolhemos para dialogar com os dados gerados durante esta pesquisa, a abordagem metodológica e os procedimentos metodológicos utilizados e os resultados parciais e considerações.

2 MARACATU: MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA

Iniciaremos este trecho apresentando uma discussão sobre a concepção de cultura em seu sentido mais amplo, porque nessa perspectiva ela consiste em tudo aquilo que a pessoa tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro da sua sociedade (LARAIA, 2009). Podemos também alegar que a cultura está sempre em constante transformação, logo, não é estática. Ela é viva e a diz respeito às práticas diárias, mudanças, com diferenças, nesse caso das mulheres participantes do grupo Maracatu Vento de Ouro. (DAVIS, 2016).

Além disso, é possível afirmar que são os elementos culturais que constituem um povo, um grupo e dessa forma, os fortalece como tal. É fato que tais elementos podem ser bastante variados e manifestar-se por diferentes aspectos, assim, cultura nesse estudo, é considerada como a manifestação de um grupo de maracatu formado só por mulheres dentro da sociedade, o que o define e o caracteriza como singular para ilustrar esse pensamento. Nesse sentido a cultura pode ser pensada como um organismo vivo que se revela de forma plural. (SALES, 2018)

Os Estudos Culturais que estamos utilizando para dialogar com as nossas descobertas se debruçam sobre o emaranhado de redes das relações sociais e a relevância do papel da comunicação na produção da cultura. Eles também se dedicam a análises das práticas culturais, buscando compreender o ser humano em seu cotidiano. Do ponto de vista de Sanches (2019, p 10) é:

por meio dos processos culturais, a articulação das várias esferas sociais coloca questões importantes para o homem contemporâneo, como as que envolvem a noção de corpo, identidade, gênero ou as relacionadas à fotografia, cinema, televisão, às mídias sociais e à própria internet.

Estamos utilizando os Estudos Culturais porque o seu modo de investigação da realidade nos permite ver, sentir e ir além do que está posto, chegar ao território das representações que influenciam nosso modo de ser e estar no mundo, como é o caso desse grupo de mulheres, que além do propósito de realizar uma manifestação cultural nesse território do coletivo das mulheres abarca o empoderamento feminino e

construção da identidade das suas participantes. Nas palavras de Sanches (2019, p.10), estudos culturais balizam “o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores, interpretações e representações de sexo, raça e classe na sociedade e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam”.

Diante desse pensamento de Sanches (2019), surgiu o seguinte questionamento: Como são construídas as identidades dessas mulheres num grupo tão heterogêneo de mulheres negras, indígenas e brancas, mulheres pobres, gordas, magras, católicas, candomblecistas e agnósticas entre outras? Considerando que para Stuart Hall (2020, p. 108):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em manter um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.

Desta maneira, é possível enveredarmos pelo caminho que nos diz que temos uma origem histórica que seria como uma raiz de uma árvore; sabe-se o que é a semente, mas como a árvore vai se desenvolver é um mistério. Assim são as identidades, elas se interconectam e nesse friccionamento, através dos recursos possíveis (cultura, linguagem), elas se transformam, toda fala, toda música, toda dança, toda arte, enfim, a identidade é fluida nesse sentido, de estar sempre em constante mudança: “identidades correspondentes a um determinado mundo social estão em declínio, visto que a sociedade não pode mais ser vista como determinada, mas em contínua mutação e movimento, fazendo com que novas identidades surjam continuamente, em um processo de fragmentação do indivíduo moderno.”(HALL, 2006, p. 78).

Portanto, é no estar juntas, no cantar e dançar e nas conversas e compartilhamento de afetos que as identidades de nós participantes vão se constituindo à medida que as identidades se friccionam, a cada encontro. Esse estar num coletivo de mulheres que participam, mais ainda, são o corpo de um grupo musical e fazer amizades, ouvir conselhos, dividir alegrias e tristezas, fortalece essas mulheres, nos dando a compreensão de que o grupo é um espaço de empoderamento feminino, tudo isso se refletindo também em mim para ratificar esse pensamento apresento.

No que diz respeito ao empoderamento feminino, o conceito de poder trazemos ARENDT, (2001, p. 22) porque, em suas palavras, “esse fenômeno corresponde à habilidade para agir em conjunto”. Ela traz ainda, que “o poder não é propriedade privada e sim pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida que o grupo permanece unido”. Já para FOUCAULT, (1979, p.113) o poder não é algo localizado ou centrado, ele é atribuído ao Estado, porém existe uma espécie de microfísica do poder, articulada ao Estado, mas que atravessa toda a estrutura social.

“Este conceito atrela-se a debates teóricos e conflitos políticos, uma vez que é um conceito fluido e muitas vezes utilizado de forma maleável, de acordo com a necessidade e o corpo ideológico de cada grupo social que dele se apropria” (VASCONCELOS 2003, pág. 51).

Nessa perspectiva empoderar é antes de tudo pensar em caminhos de reconstrução, das bases sociopolíticas, rompendo com o que está posto. Os debates referentes aos seus sentidos constantemente apresentam a importância de não se olhar apenas a perspectiva individual, no sentido da busca pela autonomia independente das

condições sociais, mas atentar para o fato de que só há empoderamento se houver transformação pessoal atrelada a mudanças estruturais (FREIRE E SHOR 2011, p. 42)

Essa ideia nos remete à explicação de Carvalho (2004) de que no Brasil para discutir a promoção da saúde utiliza-se o termo em inglês e apresenta definições para o *empowerment* psicológico e comunitário. O psicológico refere-se a um sentimento de controle a respeito da própria vida e é criticado pelo autor, para quem essa concepção não se preocupa com a modificação das estruturas sociais e é ilusória, sem corresponder à existência efetiva do empoderamento. O *empowerment* psicológico seria, então, uma ilusão, na perspectiva do autor. Dada a ingerência de fatores políticos nas vidas das pessoas, só há *empowerment* se este for coletivo.

Na tradição latino-americana dos estudos de gênero, ou feministas, parece que alguns fatores levaram à intensificação da aplicação do conceito de empoderamento: a difusão do debate teórico sobre o poder nas experiências de base de mulheres (LEÓN, 1997) e o planejamento de estratégias para o desenvolvimento das mulheres na década de 1980 (ROWLANDS, 1997) tornaram central o conceito de empoderamento nos debates e estratégias feministas.

Dessa forma é perceptível que a abordagem de Freire e Sohr (2011) serve inegavelmente para a construção de caminhos e estratégias de erradicação de desigualdades e inclusive é um dos alicerces do pensamento da feminista negra americana Bell Hooks (2013). Nesse sentido, trazemos a reflexão da feminista e pesquisadora indiana Srilatha Batliwala (2017 p. 58) porque na sua ótica

o conceito de empoderamento feminino surgiu de críticas e debates gerados pelo movimento das mulheres durante a década de 80, quando as feministas, especialmente no que era tão conhecido mais amplamente como “terceiro mundo” (antes do termo “sul global” ter ganhado notoriedade), se viram cada vez mais descontentes com os modelos em grande medida apolíticos e econômicos, na maioria das intervenções de desenvolvimento.

Em vista dessa situação, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), desenvolveu uma lista com sete princípios básicos do empoderamento feminino no âmbito social e profissional (VIANNA, 2011, p. 61): 1) Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível; 2) tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação; 3) garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa; 4) promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres; 5) apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing; 6) promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social; 7) medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

Apesar da maior parte dos princípios se ater ao ambiente profissional, é importante que exista um documento como esse, que valida nossos direitos de igualdade de tratamento e nos dá poder para sermos quem quisermos, nosso lugar de fala (RIBEIRO, 2020) que por muito tempo foi nos negado e a nossa voz silenciada. Cabe-nos hoje resgatar as perdas, honrar nossa ancestralidade feminina nos negando a abaixar a cabeça e fazendo soar o nosso grito de indignação e de protesto contra a sociedade que está posta para nós.

3 A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA QUE ESTAMOS PERCORRENDO

Neste tópico apresentaremos (os) caminhos que estão sendo percorridos na realização desta investigação considerando os objetivos traçados para desenvolver este estudo a partir da questão de pesquisa: De que maneira participar do grupo de maracatu Ventos de Ouro pode interferir no processo de construção da identidade e empoderamento feminino das participantes?

A questão deste estudo nos permitiu optar pela abordagem qualitativa porque permite que a pesquisadora investigue questões particulares e trabalhe com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. (MINAYO, 2009) e pelo procedimento metodológico autoetnográfico porque possibilita contextualizar a voz do indivíduo e do grupo nas experiências vividas; assim sendo, a reflexão é sobre os discursos pessoais analisados como grupo. (NICOLA; VOSGERAU, 2020)

Para melhor compreensão desse tipo de abordagem e procedimento metodológico é necessário retomarmos o objetivo geral desta investigação que é analisar como as ações realizadas pelo grupo Maracatu Ventos de Ouro, um grupo cultural artístico feminino de Salvador-BA, podem contribuir no processo de construção da identidade e empoderamento feminino das participantes.

Nesse tipo de investigação a pesquisadora exerce dois papéis ao mesmo tempo, um de participante da investigação e outro de pesquisadora em formação. Ela registra suas descobertas, reflexões, leituras, aprendizagens no diário de pesquisa, suas ações e sentimentos, e das demais participantes durante a realização deste estudo porque as histórias são atravessadas pelas histórias de outras mulheres e a influência de cada uma das pessoas na vida das demais mulheres desse coletivo.

Tendo em conta que a base deste estudo são as experiências pessoais e profissionais da pesquisadora em formação foi que optamos pela pesquisa autoetnográfica. Esse tipo de pesquisa considera o ponto de vista e as histórias de vida das participantes envolvidas neste estudo (SILVA, 2017).

Outro aspecto que contribuiu para escolha da pesquisa autoetnográfica são os momentos de convivência e de partilha de vida entre a pesquisadora e as demais pessoas que fazem parte do grupo que está sendo estudado, baseado no interconhecimento.

Sendo assim, a grosso modo, podemos considerar a autoetnografia como um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” (CHANG, 2008) respaldado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica porque a base da pesquisa é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural cuja base é a interpretação visto que são utilizados os fatores vividos a partir da memória do investigador; do aspecto relacional entre o pesquisador e participantes e objeto do estudo, dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo que é de base autobiográfica aliada a um caráter reflexivo.

Isto posto, é possível afirmar que reflexividade assume um papel fundamental nessa forma de pesquisar, haja vista que o estado reflexivo imputa constantemente uma conscientização, avaliação e reavaliação ao pesquisador autoetnógrafo da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação. (SILVIO, 2017).

Para geração de dados utilizamos a observação participante porque ela permitiu que a pesquisadora se inserisse no interior do grupo observado, e tornou-se parte dele, interagindo desde 2019 com demais as participantes e compartilhando suas histórias

com o propósito de conhecer e compreender as pessoas que fazem parte do grupo, as ocorrências e as situações vivenciadas nesse coletivo.

Estamos usando também a entrevista semiestruturada porque possibilita às entrevistadas discorrerem sobre o assunto que está sendo abordado sem se prender às questões previamente elaboradas. Cabe ressaltar que ela apresenta questões pré-estabelecidas, mas é possível adaptá-las para atender as demandas do diálogo entre pesquisador e entrevistado. (MINAYO, 2009)

Para analisar os dados, optamos pela técnica de análise de conteúdo por entender que esse é o método mais adequado para este estudo porque permite analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador.

Na nossa ótica é importante apresentar quem são essas mulheres que compõem o grupo de Maracatu Ventos de Ouro. A faixa etária dessas integrantes desse grupo é 20 a 60 anos, nós atuamos em profissões diversas, portanto pertencemos a parte classe trabalhadora. Muitas dessas mulheres ainda são universitárias, a maioria são mães solo, de orientação sexual diferentes, de etnias variadas sobressaindo a raça negra, algumas participam do grupo desde a fundação e outras entraram há pouco tempo.

Consideramos fundamental dizer que os ensaios do grupo ocorrem na praça Dois de Julho que é uma das praças principais da cidade de Salvador e fica localizada na Avenida Sete de Setembro, em frente ao Teatro Castro Alves. Essa praça é mais conhecida como Largo do Campo Grande e é um local considerado de resistência porque quase todas as manifestações populares e os protestos são iniciados ou finalizados nesse espaço público como é um ambiente público, o maracatu o utiliza para os seus ensaios.

Essa praça tem 2,5 quilômetros de diâmetro, bem arborizada com muitas plantas, árvores e flores, sendo que no meio da praça existe um monumento em homenagem ao “caboclo”, porque durante as guerras da independência na Bahia esse índio teve uma participação muito relevante e é um símbolo que representa as vitórias nas batalhas contra os portugueses.

Isso posto cabe explicar que esta pesquisa está em andamento, durante a pandemia passou por algumas mudanças como realizar os encontros de forma virtual, as quais viabilizou o grupo conhecer mestres de outros estados, como o de Pernambuco, e foram realizadas também lives de oficinas de ritmos, para quem quisesse aprender algum instrumento ou a dança.

Tendo em conta todo esse cenário a seguir apresento o meu relato de experiência de ingresso e alguns momentos como participante do grupo.

4 RELATO DE MINHA EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE MARACATU

Conheci o maracatu (ritmo) ao mesmo tempo que conheci o Maracatu Ventos de Ouro porque meu companheiro comentou comigo sobre uma amiga dele, R.S. (a mestra do grupo) que participava de um grupo de maracatu composto apenas por mulheres. Esse fato ocorreu no meado de 2018, e coincidiu que nesta época eu estava em busca de algum lugar onde as mulheres pudessem se irmanar, sentia falta disso e meu esposo sabia; não porque não tivesse amigas; sempre tive ótimas amigas, porém não estava naquele momento tão próxima a elas, o que talvez tenha sido o maior motivo da minha busca.

Assim que tomei conhecimento da existência desse grupo fui apenas para conhecer, mas resolvi ser participante. E logo no terceiro fim de semana participei de

uma vivência no terreiro Ilê Axé Icimimó que é uma das atividades que faz parte do calendário do grupo, apesar de não ser obrigatória. Eu fui para estar mais próxima das minhas ‘irmãs’, queria conhecê-las melhor, e para conhecer o terreiro, eu nunca havia estado em um; tinha algumas expectativas, porém o Ilê Axé Icimimó superou a todas.

É importante salientar que naquele momento que fui em busca do grupo eu estava sentindo necessidade de me empoderar em construção com outras mulheres, embora não soubesse disso de forma consciente. Esse foi um dos motivos do meu ingresso neste grupo. Outra razão é o fato de que em meu ambiente familiar eu sou cercada por homens, e isso de certa forma me oprimia, apesar disso, o meu lar nunca foi opressor para mim, mas o patriarcado e o machismo sempre se mostram presente, mesmo em pessoas que não querem ser machistas. Então, participar desse grupo de mulheres politizadas tem me tornado capaz de enfrentar determinadas situações diárias.

O terreiro Ilê Axé Icimimó está localizado na zona rural da cidade Cachoeira-Ba. Neste lugar não há sistema de água e esgoto, só tem água encanada em um banheiro. A alimentação é cozida num fogão a lenha e as refeições são feitas em um salão retangular com uma grande mesa no meio, o chão batido de terra e com algumas prateleiras para guardar mantimentos e objetos de cozinha. Um fato que me chamou atenção no primeiro momento foi que as mulheres que estiverem menstruadas comem e participam das atividades todas do lado de fora dos espaços.

Isso tem a ver com as tradições antigas que permanecem, sendo assim, duas das mulheres tiveram que ficar de fora. Percebi que além da sala onde as refeições são realizadas, há um salão grande e limpo com um altar, atabaques, pinturas e esculturas de orixás da casa. Antes de ir para o terreiro fomos orientadas a ir com roupas claras, de preferência saias longas e cobrir os braços também. Com relação a essas tradições veio à memória o respeito à ancestralidade e às crenças do lugar, no caso, ao terreiro.

O momento mais emocionante foi o “sirê”⁶, quando dançamos em roda com as pessoas moradoras da casa, ao som dos atabaques e da voz de Pai Duda, nesse momento algumas pessoas se emocionaram e foram acolhidas pelas ekedis⁷ da casa, sendo cobertas por um pano branco, a elas ofereciam água e foram retiradas da roda.

A cada ensaio eu me sentia mais integrada; depois de um mês participei do primeiro cortejo do grupo, e a emoção foi imensa. Participar dessa manifestação cultural brasileira, desse grupo de resistência e de educação popular que já existe há sete anos, levando de uma geração a outra seus ensinamentos me sensibilizaram demais. Foi muito tocante ver as mulheres ajudando umas às outras a se paramentar para o cortejo com suas vestimentas, adereços e maquiagens; repassando o som e esquentando os tambores; esquentando a voz; e na saída fazer a roda, todas abraçadas para dar o grito de Axé.

No total, foram 18 ensaios (houve uma pausa durante a pandemia), três cortejos e duas vivências que participei até março de 2020. Estamos retomando em julho de 2022 as nossas atividades presenciais. Durante o período da pandemia tivemos 10 lives de integração.

Por tudo que foi relatado e vivenciado até agora vem a reflexão da importância da cultura em qualquer sociedade e como muitas vezes as oportunidades de emancipação advêm das iniciativas da sociedade civil.

Pude acompanhar como participar de um grupo desses colabora no nosso ajuntamento e na nossa autonomia e protagonismo, entre outras habilidades e

⁶ Uma celebração, uma homenagem às divindades africanas. Inspirado pela poesia em yorubá em exaltação aos orixás) <https://melaninadigital.com/sire-oba/>

⁷ As ekedis são ‘o braço direito’ do pai ou mãe de santo e aprendem os fundamentos para o funcionamento das liturgias, administração e funcionamento da Casa, além das funções sagradas. Disponível: <https://www.mulheresdeluta.com.br/>

competências que são desenvolvidas a cada ensaio, a cada vivência e a cada cortejo. E como isso contribui para nosso empoderamento e para construção de nossas identidades a partir do resgate de nossa ancestralidade.

5 AS DESCOBERTAS ATÉ O MOMENTO

Por ser uma pesquisa em andamento, teremos mais resultados adiante, ao longo e ao final da pesquisa, o que não nos impede de conjecturar sobre as considerações finais. Até o momento, tenho observado que, apesar das dificuldades, o grupo continua coeso, mesmo tendo passado os dois anos da pandemia sem encontros presenciais, apenas virtuais. Percebo que para além das questões relativas ao grupo, as mulheres buscavam nos grupos de WhatsApp ajuda para questões pessoais, para aconselhar umas às outras, para trocar experiências e se apoiar. Portanto, a hipótese de o grupo funcionar como agente transformador e de apoio para as participantes se concretiza nesses momentos de compartilhamento.

Refletimos sobre a importância de documentar um grupo cultural tão singular em sua constituição, concluindo que é de extrema relevância esse registro detalhado da história, ações e atividades desse grupo e da experiência pessoal da pesquisadora e outras participantes, no sentido de haver ou não uma influência do grupo na vida pessoal de cada uma, entendendo qual o papel da união entre mulheres na sociedade na qual vivemos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

BATLIWALA, Srilatha. **Putting power back into empowerment**. Open Democracy, 30 jul. 2017 disponível em <https://www.google.com/search?q=BATLIWALA%2C+Srilatha.+Putting+power+back+into+empowerment.&oq=BATLIWALA%2C+Srilatha.+Putting+power+back+into+empowerment.&aqs=chrome..69i57.7472j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acesso em 25/05/2022

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2022.

CARVALHO, Sérgio Resende. “Os múltiplos sentidos da categoria ‘empowerment’ no projeto de Promoção da Saúde”. **Cadernos Saúde Pública** 20. 2004: 1088-1095. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000400024>

CHANG, H Joon. **Chutando a Escada: Estratégia de desenvolvimento em perspectiva Histórica**. Imprensa do Hino: São Paulo, 2008.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo, Boitempo, 2016.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
_____. 1994. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz&Terra, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, ed 20^a 2020.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 23ed. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília. **Trabalho de campo: contexto de observação**, interação e descoberta. In. Pesquisa Social, teoria, método e criatividade. Ed. Vozes, 2009.
- NICOLA, Rosane de Mello Santo; VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos. Desafios e possibilidades da pesquisa autoetnográfica. In.: SÁ. Susana Oliveira et.al. **Investigação Qualitativa em Educação: avanços e desafios**. v. 2. 2020. p. 403-413.
- ROWLANDS, Jo.. “Empoderamiento y mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo”. **Em Poder y empoderamiento de las mujeres**, compilado por Magdalena León, 90-110. Bogotá: Tercer Mundo Editores — Universidad Nacional de Colombia. 1997.
- SANCHES, Mariana. O bolsa-Família e a revolução feminina no Sertão. Marie Claire, 21 nov. 2012 disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/516750-o-bolsa-familia-e-a-revolucao-feminista-no-sertao> Acesso em 25/05/2021
- SALES, Márcia de Oliveira. **A cultura surda no contexto de uma escola inclusiva da cidade de Salvador - Ba**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2018.
- SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos acadêmicos-científicos: Formação continuada de professoras de Língua Portuguesa**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.
- SILVIO, Matheus Alves Santos. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.
- VIANNA, Cláudia. **Políticas públicas de educação, gênero e diversidade sexual no governo Lula: velhos problemas, novas respostas**. USP: São Paulo, 2011 (mimeo).